

Nossa Senhora, Fátima!

Fátima já viu e ouviu coisas de que até Deus duvida. Por essa razão e outras tantas, dedicamos um capítulo em sua homenagem.

Ela é minha fiel escudeira desde o tempo do Antônio Carlos. Conheço seus dramas tanto quanto ela conhece os meus. Somos como irmãs. Não sei definir quem é a mais velha – não importa. Se os caros leitores colaborarem com esta empreitada, divulgando para desconhecidos, presenteando amigos secretos e punindo sogras, quem sabe a Karla e eu conseguiremos manter seus proventos em dia e tê-la em nossa companhia até que ela possa montar seu próprio negócio.

A Fátima é uma figura ímpar, 15 centímetros menor que eu, 15 quilos acima de seu peso ideal, radicada em São Paulo há 29 anos, proveniente de Pernambuco, mais precisamente Vitória de Santo Antão, bairro Cidade de Deus.

Como fiel missionária da Assembléia de Deus, Ministério Belém, ela participa do coral da igreja. Pratica seus cantos pela casa, com sua voz de contralto, e só abaixa o volume quando digo: “Fátimaaa... Pelamordedeus!”

Não há como esconder intimidades de uma pessoa tão próxima: ela sabe tudo o que se passa conosco e com nossos amigos. Mas é sempre muito discreta. Outro dia ela me perguntou:

“Aquela moça do olho azul já fez as paz com a dos cabelo esquisito?”

“Já sim, Fatinha.”

“Ai, que bênça!”

Ela já flagrou beijinho na boca, cochilo em posição de conchinha no sofá: “Disculpa incomodá vocês, mais vocês querem que eu passe um cafezinho?”

Trabalhar com a Fátima por perto é bem doce, mas pouco produtivo. De 30 em 30 minutos ela aparece: “Tá tudo bem aí?” “Tô lá no quarto, qualquer coisa é só chamá.” “Vô estendê as roupa, viu?” “Cês vão tomá banho agora? Eu queria lavá o banheiro.” E assim vai, sem fim.

Seu bordão de despedida é sua marca registrada:

“Necessita de algo?”

“Não, Fátima, está tudo em ordem. Chegue bem em casa. Até amanhã.”

A capacidade de socialização da Fátima é algo incrível:

“Boa tarde! Por gentileza, a Srta. Karla Lima está?”

“Tá não, menina, mas Patricia está. Ela tá no quarto arrumando a bagunça dela porque Karla vai chegá. E, cê sabe, Karla permite bagunça, mas não muita. Ela já devi di tá terminando... qué que eu chame ela?”

“Não, não, não é necessário. Você sabe me informar a que horas consigo falar com a Srta. Karla?”

“Ahhh!, dependi! Que hora é agora? Só um minutinho, queu vô vê no relógio da cunzinha...” Minutos depois:

“Ahhh!, agora é dez pras três, acho que Karla só vai voltá dipois que ela passá na casa di sua mãe. A mãe dela pediu foi um livro emprestado, mas num deve di demorá muito não, porque Patricia tá arrumando as coisa muito afobada, acho que Karla tá pra chegá. Num qué falá com Patricia não?”

“Fátimaaa, quem é no telefone?”

“Só um minutinho... Sei não, Patricia.”

“Vê quem é.”

“É Silvana, dum banco Pan-mericano!”

Sem exceção, todos os nossos amigos adoram a Fátima, e quando alguém aparece em casa é a maior festa. Ela abraça, beija, diz que estava morrendo de saudades, e sei que estava mesmo. Assim como nós, no entanto, todos têm um certo receio de ligar aqui pra casa quando estão com pressa. Para saber se estamos em casa, paciência e espírito de perseverança são fundamentais. Quem ligou tem que contar como estão as coisas no lar, o que anda fazendo no trabalho, ouvir as boas novas sobre o almoço que Fátima patrocinou a sua família no domingo e, de quebra, ficar sabendo qual foi a tarefa interrompida para que a chamada fosse atendida.

Outro dia liguei para casa desesperada:

“Fatinha!”

“Oiii, Patriiicia! Cê num tá em casa não? Bem que eu reparei. Tá tudo bem? Qué falá com Karlinha? Ela também num tá não. Eu estava limpando os vridu... como tem pó aqui nessa casa! Semana passada eu limpei, mas parece que tem três mês que eu não limpo. Onti teve festa lá em casa. Foi uma bênça!”

“Que bom, Fatinha! A Karla está comigo. Tá tudo ótimo

(nem estava, mas foi só para evitar um desvio maior no percurso). Estou com muita pressa. Preciso urgente do número do telefone do Dr. Mário, advogado, que está anotado na agenda esverdeada em cima da mesa de jantar.”

“Agenda esverdemuada?”

“Parecida com verde, mais ou menos verde.”

“E é? Mais ou menos verde chama esverdemuado? Sabia não... Só um minuto que eu vou checar.” Tic-tac, tic-tac:

“Tem não, Patricia. Tem uma agenda em cima da mesa de jantar, mais é cinza.”

“É essa mesmo, Fatinha! Qual é o número do Dr. Mário? Rapidinho, por favor!”

“Achei não... tem um monte de coisa escrita, mas não tem escrito Mário não.”

“Lê o que está escrito pra mim, Fatinha!”

“Ligar para Robiinson, pagar o dentiiista... Víxe, Patricia! Você num pagô o hôme ainda?”

“Não, Fatinha, ainda não paguei! O número do telefone do Dr. Mário fica no fim da agenda: lá atrás tem uma parte onde tem uma letrinha no alto... a primeira página desta parte tem um A bem grande, na segunda um B; vai até a página com a letra M e lê o que tá escrito.”

“Ah, bom! Agora num tem mais erro. Acheei!”

“Qual é o número?”

“Ah, perai que eu fechei a agenda amuada! É doise, sete quatro... Víxe, Patricia!, que número é esse?”

“Como é que eu vou saber, Fatinha? Você é que está com a agenda na mão!”

“Pois você tem que começá a caprichá mais nas letra, tua letra tá muito ruim de entendê, acho que é o nove ou o treis, dipois é oitcho, cinco e no último é igual ao que eu falei primeiro.”

“Ok, brigada, Fatinha! Depois a gente conversa.”

“Tá bom, então. Beeeiijo! Num demora pra voltá que eu quero te amostrá uma coisa pra você.”

“Tá, Fatinha!”

“Mande um beijinho pra Karlinha tumbém.”

“Tá, Fatinha!!”

Nós e a Fátima sofremos muito com a morte do Oliver, nosso cão. Fátima preferia chamá-lo de Ólivi. Ela foi fundamental no condicionamento básico: xixi no jornal, senta, deita, e participou ativamente das decisões com relação à altura e à periodicidade da tosa.

Nunca faltou papo entre eles. Algumas vezes acordava com a voz da Fátima vinda da cozinha. Cambaleante, ia conferir o que estava acontecendo e topava com ambos conversando. Sentados frente a frente, ela acariciava vigorosamente a cabeça dele a ponto de os olhos esticarem até a parte branca do globo se mostrar: “Ólivi, sua mãe tá drumindo, ela já vai acordá. Num fica assim tristeinho que a Fátima ama você. Cê tá cherosiinho! Vem aqui, meu nêgo, dá um cherinho pra Fátima.”

Outras vezes, ouvia seus cânticos evangélicos vindos da área de serviço. Em busca de uma calça limpa, deparava com a mesma cena. “Fatinha, o que você tá fazendo?”

“Tô calmando os nervo do Ólivi. Ele tá muito agitado hoje. Já saiu da caminha e foi drumi no sofá, largô o sofá e foi pra almofada umas três vez desde a hora que eu cheguei. Num pára quieto de jeito nenhum! Então resolvi cantá um pouquinho pra deixá ele mais calmo. Você não sabe, Patricia, mas essas música acalma as aflição!”

“Tá certo, Fatinha!”

Ao fim das conversas, independentemente do assunto, ela o abraçava, mordida e amassava o pobrezinho. Era uma farrá vê-los assim. Aos 12 anos ele se foi e, até hoje, eu e a Fátima choramos quando algo nos faz lembrar dele.

E, por falar no Oliver, a Karla tem uns acréscimos a fazer:

A Fátima sempre falava conosco por intermédio dele, e foi numa dessas que soltou mais uma pérola. Estou eu lendo jornal, está ela com ele em alegre convescote. Segue-se animado monólogo: “Então, Ólivi, daqui a pouco você vai andá de carro, visse? Que tu tá meio catinguento, cos pêlo tudo gruvinhado. Vai voltá cherôôso! Assim que terminá com o jornal, Karlinha te leva, viu? Essa sua segunda mãe é tão boazinha!... Quer dizer, terceira – não, bom, hummm... quarta, ou melhor, sua *nova* mãe é tão boazinha!...”

A Fátima tem um nariz muito especial. Se ficamos no escritório até tarde, mesmo que a janela fique aberta durante toda a noite, ela chega na manhã seguinte e vai logo acusando: “Mas ônti vocês fumáru que foi uma coisa, hein?!” Ao determinar os produtos de limpeza que devemos comprar, não se importa com marca nem com rendimento: é pelo cheirinho. E se minha irmã pernoita no sofá e vai embora antes que a Fátima chegue, ela se lamenta: “Poxa! Karina acabou de sair, não foi? Um minutinho antes e eu pegava ela aqui...” Para o desenvolvimento desse senso olfativo privilegiado, contou com a prestimosa ajuda da Patricia, que, ao nunca guardar as roupas limpas, nem pôr para lavar as sujas, condicionou a Fátima a cheirar tudo. Cabe a ela então dar o veredicto. Um dia, pouco depois de minha mudança, entrei no *closet*

e peguei-a cheirando minha blusa com verdadeiro ardor investigativo.

“Fátima!”

“Oooi, Karlinha! Qué alguma coisa?” Era a calma em pessoa, não se sentia surpreendida em ato ilícito.

“Sim, quero que você pare de cheirar minha blusa! O que você está fazendo?”

“Tô cheraaando! Se não, como vô sabê se precisa lavá? Cas de Patricia eu faço assim...”

“Então, Fátima, ‘cas’ minhas você não precisa se preocupar não, viu? Tudo meu que precisar ser lavado eu mesma vou colocar no cesto de roupa suja. Por favor, nunca mais cheire nenhuma roupa minha, tá bom?”

Sua decepção era visível:

“Tá bom, se você não qué eu não chêro, mas as de Patricia vô continuá, que ela sozinha não sabe didir o que tem de lavá e o que dá pra usá de novo!”

Cá pra mim, desconfio que até hoje ela cheire, sim, minhas roupas.

A cordialidade fria de minhas primeiras interações com a Fátima deixava a Patricia de cabelos e pêlos em pé. Em minha defesa, alego que sempre a tratei com respeito e que sou naturalmente lerda para desenvolver carinho pelas pessoas – de maneira geral, acredito que educação basta.

Assim, enquanto às sextas-feiras a Patricia se despede com “Tchau, Fatinha! Bom fim de semana, descansa e fica com Deus, viu? Manda um beijo pros seus filhos – aliás, faz tempo que não pergunto deles... Sua filha tá gostando da escola nova? Seu menino mais velho conseguiu arranjar outro emprego? E a lojinha de sua mãe, tá indo bem? Ah!, que bênção, né, Fatinha? Então olha, aproveita pra

ficar com eles, viu? Dorme bastante, fica bem descansadinha, que a gente se vê na segunda-feira, se Deus quiser. Um beijo", eu me limito a um "Tchau, Fátima, bom fim de semana." – ainda que sincero.

A Patricia acha que trabalhar com a Fátima por perto é doce, porém improdutivo. Pois eu estou certa da mais absoluta impossibilidade de fazer perto de ambas qualquer coisa que demande o trabalho conjunto de mais de dois neurônios! Ou será que meus neurônios é que são muito frescos?

Cansada de ouvir sermões quinzenais sobre a maneira "correta" de me dirigir a Fátima, decidi reduzir os diálogos ao mínimo, fazendo por escrito perguntas e pedidos. Pareceu dar certo, embora as diferenças entre nossos estilos continuassem:

"Fatinha, deixei umas roupas pra passar em cima do cesto de roupa limpa. Por favor, deixe separadas, pois eu vou levar pra viagem no feriado – estou muito cansada e branquela. Volto na segunda queimadinha e com cara de saúde. Um beijo. Mande um beijo também pras crianças. Obrigada. Tenha um ótimo fim de semana. Fique com Deus. Patricia. Ah!, Fatinha, escondi uma baguncinha na segunda gaveta de meu criado-mudo; pode deixar lá, a Karla não vai ver. Quando eu voltar, escondo em outro lugar. Um beijo. Fique com Deus. Patricia."

Resposta: "Ok. Beijo. Fátima."

"Fátima, favor passar e pendurar essa calça. Obrigada. Karla."

Resposta: "Ok. Beijo. Fátima."

"Fátima, por favor complete a lista, vou ao mercado amanhã. Obrigada. Karla."

Resposta: “Ok. Beijo. Fátima.”

A revelação sobre como, afinal, a Fátima nunca se deixou intimidar por meu estilo sério veio com a seguinte troca de bilhetes:

“Fátima, minha mãe vem aqui hoje. Por favor, lembre a Patricia de deixar a sala e o escritório em ordem.”

Resposta: “Não deu. Beijo. Fátima.”